

PIBID - A PORTA PARA A EXPERIÊNCIA DOCENTE

BRUNA SIMÕES¹; **SHEILA CARRILHO²**; **ALINE NEUSCHRANK³**

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPel)* – gwnmixzz@gmail.com

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel)* – sheilacarrilho1@gmail.com

³*Universidade Federal de Pelotas (UFPel)* – neuschrankskaline@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho do professor é complexo, visto que são muitas variantes que pairam sobre a preparação das aulas, como a escolha dos conteúdos, adaptação da linguagem etc., e o PIBID é uma experiência fantástica de inserção prática no mundo docente, pois permite que aqueles que participam se capacitem para a preparação e aplicação das aulas, sempre com auxílio da coordenadora e das supervisoras, como uma inserção guiada. Anterior à prática docente efetivamente, houve um momento de preparação, tanto com leituras que possibilitaram a expansão do leque teórico, como a escrita de um questionário diagnóstico para ser aplicado em todas as escolas participantes desta edição, além de apresentações de seminários sobre livros que trazem metodologias mais dinâmicas para a sala de aula, entre outras atividades.

Essas atividades foram fundamentais para a postulação das aulas, pois os caminhos escolhidos para serem trabalhados foram pensados a partir do questionário diagnóstico, já que as lacunas e necessidades de cada turma variam, e a partir desse mapeamento foi possível planejar as aulas e definir os conteúdos iniciais a serem abordados especificamente para a turma do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental no Jardim de Allah. Percebeu-se que em mais de um questionário apareceu a informação de que alguns alunos foram alvo de preconceito linguístico, e esse fato, chamou a atenção para o foco do trabalho; atrelado a isso, tornou-se evidente também durante a leitura dos questionários que havia um pensamento equivocado por parte da turma com relação à gramática, servindo apenas, na concepção deles, para “aprender a falar e escrever bem”. Visando, portanto, a elucidar e/ou desmistificar estes e outros aspectos inerentes à língua portuguesa, surgiu o propósito de trabalhar com a variação linguística, tanto para mostrar a diversidade existente na língua como para erradicar (ou diminuir) o preconceito linguístico que os alunos poderiam praticar ou vir a sofrer.

Inicialmente, havia uma outra proposta de trabalho, que foi suspensa temporariamente devido à importância de se trabalhar essas questões apontadas pelo questionário diagnóstico, pois entendendo que a educação desempenha um papel social:

“Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. (...) Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação” (FREIRE, 1996).

Definida a posição ideológica de cada indivíduo, ele atuará de acordo com suas convicções, e uma educação deslocada da realidade dos alunos, que não se preocupa em levar em consideração seus anseios, está fadada ao fracasso de apenas repetir o modelo dominante. O professor tem certa liberdade para fazer as escolhas do que trabalhar, e como.

Expandir a noção de língua — que é algo mutável e variável e que todos os falantes nativos possuem domínio ao serem capazes de criar enunciados pertencentes à estrutura sem notarem isso — é importante para causar o rompimento, ainda que gradual, do estigma linguístico associado à ideia incutida desde cedo, seja no ambiente familiar, social ou escolar, de que existe somente uma única maneira ideal de se expressar, sendo esta através da gramática normativa, ambos fatores que contribuem para a aparição do preconceito linguístico. Segundo Labov

“(...) Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inherente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação” (COELHO et al. 2010).

Não conhecer a variedade linguística é reduzir o conhecimento de diversidade cultural existente no mundo.

O momento de aprofundamento teórico proposto pela coordenadora, proporcionou a leitura de um relato de experiências de outros pibidianos, que também trabalharam com variação linguística. Segundo Soares e Marins (2021) “A língua, assim como muitas coisas da vida, vive em constante mudança e essas mudanças são operadas pelos falantes; somos nós (no ato de falar e escrever) que ditamos as regras usadas nas gramáticas, e não ao contrário.”, e muitas vezes a falta desse entendimento inibe usuários nativos de produzir suas próprias marcas linguísticas e acentua a ideia de que decisões descendentes e verticais no que tange a maneira correta de uso da Língua podem ser aceitas. Quebrar com essa ideia de que o português é difícil e de que apenas o que está descrito por intelectuais é o português correto, foi um dos pressupostos de trabalho, levar para os alunos elementos, argumentos, para que pudessem perceber que eles são detentores da Língua, e não apenas os gramáticos que escrevem nos livros ou pessoas com muito estudo e/ou dinheiro.

2. METODOLOGIA

O questionário diagnóstico foi o norte guiador que possibilitou conhecer melhor a turma e suas particularidades como nível de escrita e a concepção de linguagem, o que mais gostam de ler e se gostam, faixa etária e também identificar alguns alunos com déficits de atenção, o nível de dificuldade na escrita, entre outras coisas. Além de tudo isso, foi a partir do questionário que se definiu o tema das aulas, sendo a maneira de se trabalhar baseada em metodologias dinâmicas, proposta essa que vem sendo pensada por todo o grupo do PIBID. Por diversas vezes durante a formação teórica, a orientadora trouxe textos que possibilitaram pensar na realização de atividades mais ativas no intuito de levar algo diferente e divertido para a escola e para os alunos, com diferentes formas de aprender além do método expositivo de aula.

Então, o trabalho foi realizado com uma sequência de atividades dinâmicas que se interligavam e expandiam os horizontes. Primeiramente, trabalhou-se com a noção de gramática internalizada, para quebrar com essa ideia de que não sabem nada de gramática, aliás outra resposta identificada no questionário. A atividade realizada consistia em organizar frases que estavam fragmentadas — elas foram retiradas de alguns filmes e séries que a turma disse

gostar no questionário. O intuito era que eles pudessem ver que já sabem a gramática (ou que têm uma boa noção) e o quanto está internalizada neles, que mesmo inconscientemente organizaram as frases seguindo algumas regras gramaticais.

Posteriormente, outra questão foi levantada, de que algumas expressões podem parecer equivocadas em seu sentido literal, mas que significam algo em seu sentido mais amplo do texto, como as expressões idiomáticas, que é um fenômeno natural das línguas e da comunicação, e que cada cultura produz suas próprias expressões. Para isso, a atividade foi a seguinte: algumas expressões idiomáticas foram entregues aos alunos em fichas e eles teriam que explicar ou deduzir o seu significado, caso não soubessem. A partir disso, outra questão foi levantada: de que cada grupo produz suas expressões e que elas mudam com o passar do tempo, então foi pedido aos alunos que fizessem uma pesquisa oral, com algum familiar ou conhecido, sobre expressões que eram usadas antigamente.

Com essa deixa, foi introduzida a temática de variação linguística. Assim, uma aula elencou elementos para a aula seguinte, visando sempre a um aprendizado contínuo. Esse trabalho foi realizado por meio de aulas lúdicas com atividades dinâmicas retiradas, algumas vezes, do livro “Dinâmicas para aulas de Língua Portuguesa” de Rita de Cássia Santos Almeida, que foram adaptadas para a realidade da turma. Um jogo foi realizado, para que os alunos fossem capazes de identificar quatro tipos de variação linguística em frases que lhes foram distribuídas. Eles se dividiram em quatro grupos, e cada acerto valia um ponto.

A fim de assimilar mais o conteúdo e realizar uma produção escrita, os quatro grupos foram divididos novamente, dessa vez em oito, e foram sorteados os temas a respeito de variação linguística. Feito isso, eles produziram cartazes, cada grupo com seu tema, onde explicavam cada tipo de variação e sobre o preconceito linguístico, exemplificando com frases e dissertando sobre a importância de estudar tal assunto. As atividades foram expostas no mural da escola.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o passar das aulas, a consciência que os alunos têm, de maneira geral, expandiu-se no que tange à concepção de língua e de linguagem. E em outras atividades pode-se perceber que eles sempre buscavam relacionar o seu conhecimento adquirido sobre sociolinguística em outros momentos, e entenderam que perceber como um indivíduo escreve/fala pode nos dar algumas informações sobre ele, como a qual cultura pertence ou se está em uma situação que pede determinado nível de linguagem. Essas reflexões, hoje, os acompanham em diversas esferas de estudo dos textos.

Entretanto, como o preconceito linguístico é algo enraizado e difícil de se desvencilhar de práticas que se prolongam na história, alguns apresentaram mais resistência, e enquanto trabalhavam a literatura de cordel, por exemplo, estranharam a linguagem e pensaram que todos deveriam falar como aqui no Sul. Nesse ponto, dada a relevância das afirmações para os outros colegas, tornou-se necessária a retomada do tema, dessa vez com uma perspectiva que visava a identificar o lugar do Sul em relação às falas privilegiadas no Brasil. Entender como o Rio Grande do Sul se encaixa nesse cenário fez com que novas posições surgissem e que o entendimento acerca da importância do combate ao preconceito linguístico fosse realmente assimilado.

Para introduzir essa questão, foi levado um fragmento do texto “Linguística e ensino da Língua Portuguesa como língua materna” de Rodolfo Ilari, que disserta sobre a tentativa da imposição da norma-padrão desde o final dos anos 30.

“Essas iniciativas partiam de três pressupostos que hoje nos parecem discutíveis: que a língua de um país tem que ser uniforme, que o uso linguístico deve ser determinado por decisões superiores e que é tarefa dos especialistas decidir em nome da população o que é certo e o que é errado, o que é nobre e o que é vulgar.” (ILARI, 2000)

Hoje, os pressupostos que baseiam essas tentativas são questionados e considerados geradores de preconceito linguístico. Assim, os alunos puderam perceber que alimentar esses preconceitos é extremamente prejudicial para a variedade linguística e cultural e que eles próprios seriam totalmente afetados por esses preconceitos que não privilegiam de maneira alguma as variedades do Sul. E mesmo que privilegiasssem, se alguém é prejudicado, humilhado e rebaixado por sua maneira de falar, todos perdem. A língua perde.

4. CONCLUSÕES

Além da experiência docente adquirida com o PIBID ao longo de dois semestres, nota-se a importância dos questionários diagnósticos como ponto inicial para traçar o trabalho pedagógico, de modo que a partir desses instrumentos é possível conhecer o aluno de maneira individual, suas preferências e dificuldades, e concomitantemente obter um apanhado geral de informações que, unidas, formam o perfil da turma com a qual se pretende trabalhar. Ademais, o professor desempenha um papel importante na vida dos alunos e o valor social desse trabalho é inestimável. Pensar em questões relevantes que expandem os horizontes dos estudantes é tarefa fundamental da profissão. Outro ponto de destaque é a eficácia que atividades lúdicas proporcionam no aprendizado, gerando engajamento e interesse por parte dos alunos, a partir das quais eles percebem que aprender não precisa ser algo monótono, mas pode ser divertido. Encorajar essas práticas é primordial, ainda mais diante do cenário de desinteresse crescente esboçado pelos estudantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MARINS, I. M. (ed). DOMINGO, L. C. (ed). **Com a palavra: Docentes e Discentes do PIBID Letras.** Foz do Iguaçu: CLAEC, 2021.
- COELHO, I. L. et al. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística e ensino da Língua Portuguesa como Língua materna.** São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2000.
- ALMEIDA, Rita de C. S. **Dinâmicas para aulas de Língua Portuguesa.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.